

OBITUÁRIO / Flecha de Lima dirigiu as mais importantes representações e notabilizou-se pela habilidade de negociação, como na libertação de 450 brasileiros no Iraque, em 1990

Diplomacia perde uma das suas referências

» INGRID SOARES
» ISRAEL MEDEIROS

O Brasil perdeu, ontem, um dos maiores nomes da diplomacia do país. O embaixador aposentado Paulo Tarso Flecha de Lima morreu, aos 88 anos, de uma infecção urinária que evoluiu para uma septicemia. Ele estava internado no Hospital Sírio-Libanês, em Brasília, desde a semana passada, onde deu entrada já com quadro grave. No domingo, os médicos consideraram a situação irreversível. O corpo será velado hoje, no Palácio do Itamaraty, em uma cerimônia restrita por conta da pandemia da covid-19. Já o enterro será realizado em Belo Horizonte.

Mineiro da capital, Flecha de Lima era considerado por muitos como o maior diplomata brasileiro da contemporaneidade. Ingressou no Ministério das Relações Exteriores em 1955. Seu profissionalismo, aliado a modernas práticas de negociação serviriam de inspiração para as gerações seguintes do Itamaraty.

Flecha de Lima passou a ser chefe do Departamento de Promoção Comercial em 1973, onde permaneceu por mais de uma década. Depois, foi subsecretário-geral de Assuntos Econômicos e Comerciais, em 1984, e em 1985 tornou-se secretário-geral das Relações Exteriores, considerado o posto mais alto da diplomacia brasileira — desempenhando, segundo o Itamaraty, “papel fundamental na inserção internacional do Brasil na fase final da Guerra Fria”.

Foi embaixador do Brasil em Londres, entre 1990 e 1993; em Washington, de 1993 a 1999; e em Roma, de 1999 a 2001, quando se aposentou. Sua carreira durou 46 anos. Entre as missões diplomáticas, amigos relembram a negociação do resgate de brasileiros, em 1990, no Iraque. O embaixador negociou com Hussein Kamel Hassan, genro do ditador Saddam Hussein, a libertação de 450 brasileiros, funcionários da construtora Mendes Júnior, feitos reféns naquele país e que seriam usados como escudos humanos para evitar um bombardeio dos Estados Unidos, na Guerra do Golfo.

Luís Tajés/CB/DA Press - 21/3/14



Flecha de Lima era um oráculo para os novos diplomatas, que o procuravam para ouvir lições e conselhos

O embaixador dedicou-se ao ideal de que a política externa pode e deve contribuir para melhorar concretamente a inserção internacional do país”

Trecho da nota do Ministério das Relações Exteriores

Paulo Tarso Flecha de Lima foi um notável diplomata e homem público. Mineiro, sabia conversar e convencer, e sempre o fazia para o bem

Carlos Velloso, ministro aposentado do STF

Repercussão

O ex-chanceler Celso Amorim, que esteve à frente do Itamaraty de 2003 a 2010, relatou que Flecha de Lima foi um patriota. “Motivo de orgulho para todos nós. O Itamaraty deve muito a sua dedicação e talento. Tive a honra de ser um de seus sucessores como embaixador em Londres. Pude, apesar de certa distância no tempo, apreciar o prestígio de que gozou no Reino Unido, tanto entre autoridades como na sociedade”, relatou.

O diplomata Paulo Roberto de Almeida falou da importância de Flecha de Lima e relatou que mesmo após sua aposentadoria, se tornou um oráculo para os recém-formados. “Foi um dos grandes diplomatas da área da promoção comercial no Itamaraty e o mais importante diplomata na época de Sarney depois da saída de Olavo Setúbal”, avaliou.

Para Carlos Velloso, ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal, “Paulo Tarso Flecha de Lima foi um notável diplomata e homem público. Mineiro, sabia

conversar e convencer, e sempre o fazia para o bem. Nunca se desvinculou de Minas. Ele foi um entusiasta da nossa urna eletrônica. Homem de bem e do bem, vai fazer falta”. O Ministério das Relações Exteriores divulgou uma nota de pesar destacando que, ao longo da carreira diplomática, “sua coragem e criatividade marcaram todos que tiveram a oportunidade de trabalhar ao seu lado. Ao longo de sua carreira, o embaixador Paulo Tarso dedicou-se ao ideal de que a política externa pode e deve contribuir para melhorar concretamente a inserção internacional do país e a vida de todos os brasileiros”.

Fontes próximas ao embaixador destacam, ainda, o grande círculo de amizades cultivadas por ele e pela embaixatriz Lúcia Flecha de Lima, com quem foi casado por 54 anos. Ela era amiga íntima da princesa Diana, morta em um acidente de carro em 1997, e do casal Bill e Hillary Clinton, ex-presidente e primeira-dama dos Estados Unidos. Flecha de Lima deixa quatro filhos e neto, e abre a cadeira 13 da Academia Mineira de Letras.



Nas entrelinhas

por **Luiz Carlos Azedo**
luizazedo.df@dabr.com.br



Saia justa na esquerda

Milhares de cubanos foram às ruas, no domingo, protestar contra o governo em meio ao agravamento da pandemia e da crise econômica no país. A crise cubana pôs uma saia justa nos partidos e nas lideranças de esquerda, principalmente o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, amigo da liderança cubana desde quando Fidel Castro deu uma força à criação do PT, recomendando que todos os partidos de esquerda — então na ilegalidade — se somassem ao líder operário que despontava na política após as greves no ABC de 1978.

Leonel Brizola, no PDT; Miguel Arraes, no PSB; e Luís Carlos Prestes, até então no PCB, não embarcaram no partido operário criado por líderes sindicais, intelectuais e estudantes na reforma partidária de 1979. A maioria dos militantes de esquerda que havia participado da luta armada contra o regime militar, cujo grande expoente foi o líder comunista Carlos Marighela (ALN), porém, encabeçada por José Dirceu, seguiu a orientação do “Comandante”.

O livro *A Ilha*, do jornalista Fernando de Moraes, fez a cabeça de muita gente, em cores vibrantes: em Cuba, todos ganhavam o suficiente para sobreviver com dignidade, com políticas de educação e saúde exemplares. O sonho do “homem novo”, de Che Guevara, fazia do socialismo cubano, com seus comitês revolucionários, um contraponto ao burocrático modelo da União Soviética e do Leste Europeu. A Revolução Cubana rivalizava até com a Revolução Cultural de Mao Tse Tung, o líder chinês que deu todo poder aos jovens estudantes da Guarda Vermelha e perseguiu a velha liderança comunista, inclusive Deng Hsiao Ping, que seria reabilitado após a morte de Zhou En Lai e se tornaria o pai da modernização da China.

O presidente cubano e novo líder do Partido Comunista, Miguel Díaz-Canel, culpou os Estados Unidos pelas manifestações. Convoquei apoiadores a irem às ruas “em defesa da revolução”. O apelo à mobilização partidária é um sinal de que a situação é grave: “Estamos convocando todos os revolucionários do país, todos os comunistas, para que saiam às ruas em todos os lugares onde ocorram essas provocações”, disse. O regime cubano mantém um sistema de mobilização popular no qual jovens trabalhadores e estudantes das províncias são levados para Havana, com o objetivo de participar das manifestações oficiais e, eventualmente, munidos de tacos de beisebol, pôr para correr os grupos dissidentes que realizam protestos.

“A crise cubana veio em péssima hora para a candidatura de Lula, pois o regime de partido único da ilha de Fidel é um mau exemplo para qualquer candidato democrata”

ELEIÇÕES

Pacheco descarta fazer movimentos neste ano

» ISRAEL MEDEIROS
» RENATO SOUZA

Conhecido por seu perfil moderado e pela habilidade de articulação, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), vem sendo citado como potencial candidato à Presidência da República, em 2022. Mas, ontem, ele procurou afastar as especulações de que esteja pensando no pleito do ano que vem e disse que está focado nos desafios atuais, como a pandemia. E afirmou que o momento é inadequado para debater assuntos relacionados ao pleito do ano que vem neste momento.

“Não discutirei agora o processo eleitoral de 2022. Meu compromisso é com a estabilidade do país, e isso exige foco nos muitos problemas que ainda temos em 2021”, afirmou. Já se sabe, no entanto, que as conversas de Pacheco com Gilberto Kassab, presidente do PSD, estão avançadas e a ida do senador para o partido de centro é quase certa nos bastidores de Brasília.

A ideia é se apresentar como um candidato moderado, compondo uma terceira via e fazendo frente aos pré-candidatos que hoje lideram a disputa: o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente Jair Bolsonaro. Pacheco ainda é considerado aliado do presidente da República e, inclusive, reletou em instalar a CPI da Covid em abril deste ano. Quando o as-

sunto foi parar no STF, no entanto, o presidente do Senado resolveu instalar a comissão de inquérito, o que irritou o Palácio do Planalto.

Desde então, a relação entre Pacheco e Bolsonaro está bem diferente daquela que o chefe do Executivo tem com o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL). Na semana passada, o senador rebateu nota publicada por comandantes das Forças Armadas e pelo ministro da Defesa, Walter Braga Netto, que atacou o senador Omar Aziz (PSD-AM), presidente da CPI da Covid.

Afastamento

Ele também se posicionou contra as declarações de Bolsonaro, que tem tentado colocar em xeque a realização do pleito em 2022 caso o Congresso não aprove a PEC do voto impresso. “Nós não admitiremos especulações em relação à frustração das eleições de 2022. É algo que o Congresso repudia, evidentemente. Isso não decorre da vontade do presidente do Senado ou da Câmara, da República ou do Tribunal Superior Eleitoral. Isso advém da Constituição, à qual devemos obediência”, disse. Ele afirmou, também, que as elei-

Evaristo Sa/AFP - 14/4/21



Presidente do Senado vem sendo cortejado pelo PSD a se lançar como 3ª via

ções são “in negociáveis”.

A possível mudança de Pacheco para o PSD dependerá de quando se dará a de Geraldo



Não discutirei agora o processo eleitoral de 2022. Meu compromisso é com a estabilidade do país, e isso exige foco nos muitos problemas que ainda temos em 2021”

Senador Rodrigo Pacheco (DEM-MG)

Alckmin, hoje no PSDB, para o partido de Kassab, com vistas a concorrer ao governo de São Paulo. Ele se junta a outros nomes como o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, e o ex-presidente da Câmara, Rodrigo Maia (RJ).

Mas, dentro do DEM, Pacheco ainda é observado como um possível candidato pela sigla, ao lado de Luiz Henrique Mandetta. Segundo fontes da legenda, pesquisas com o nome do senador e do ex-ministro da Saúde chegaram a ser encomendadas. Analistas apontam, no entanto, que a desmontagem de Pacheco no Congresso não lhe garante força política em eleições majoritárias nacionais.